

PRISCILIANO, UM CASO ARQUEOLÓGICO?

Maria da Luz V.C. Huffstot – John Stewart Huffstot
Universidade Lusitana, Lisboa

Ao se mencionar o nome de Prisciliano a arqueólogos modernos ou historiadores, estes rapidamente se lembrarão de alguma informação: em primeiro lugar, Priscilianismo evoca uma actividade controversa dentro da igreja, que se desenvolveu à volta de uma figura carismática que pregou a reforma da igreja acabando por ser executado como herege; em segundo lugar toda esta actividade ocorre desde o final do século IV até ao século VI; e em terceiro lugar a localização geográfica. É aqui que muitos investigadores modernos perdem a noção da extensão da sua influência. É possível que haja uma tendência moderna em associar o priscilianismo apenas com a Galiza, esquecendo-se das outras regiões também influenciadas por Prisciliano, logo no início da sua evangelização (final do século IV). Há um certo perigo em focar apenas o priscilianismo na sua fase mais matura, sob o domínio dos suevos, e esquecendo os acontecimentos dramáticos que se dispersaram rapidamente numa grande área desde a Baetica, a Este da Galiza, passando os Pirineus até à Aquitânia (Fig. 1). O nosso conhecimento mais remoto de Prisciliano chega-nos através da ansiedade de Hyginus de Córdoba, por volta de 380, em relação a acontecimentos que se desenvolveram dentro da sua própria jurisdição, ou por acontecimentos ocorridos na Lusitânia e que terão levado Hyginus a alertar Hydacius de Mérida.¹

O programa missionário de Prisciliano era ambicioso e, apesar da oposição que os líderes da igreja demonstraram assim como pela sua duração, após a execução do seu fundador em 385,

foi bem recebido por muitos. Uma das acusações feitas contra ele no concílio de Zaragoza (cerca de 380), era o facto de ele levar cristaãos das cidades para fora das suas dioceses, para retiros em villas no campo e nas montanhas. Ele pretendia que estes retiros fossem períodos de oração e de instrução especialmente antes da festa da Epifânia e da Quaresma.² Sabe-se da existência de retiros em villas, no entanto a mais antiga e melhor documentação que chegou até nós, não diz mais do que isso.³ Quantos destes retiros é que é possível terem existido e qual a possibilidade de serem redescobertos por nós?

Pode-se depreender que eram precisos muitos. A mensagem de Prisciliano parece ter encontrado logo de início sucesso, principalmente entre os elementos mais pobres da sociedade, e Prisciliano tornou-se bastante popular. Além dos seguidores da reforma houve também, com certeza, aqueles

2. O cânon 2 do primeiro concílio de Zaragoza afirma:

«...*Ne quis ieiunet die dominica causa temporis aut persuasionis aut superstitionis [sic], aut quadragesimarum die ab ecclesiis non desint, nec habitent latibula cubicolorum ac montium qui in his suspicionibus perseverant, sed exemplum et praeceptum custodiant et ad alienas villas agendorum conventum causa non convenient*».

«...*Nadie ayune en domingo en atención al día o por persuasión de otro, o por superstición, y en Cuaresma no falte a la iglesia. Ni se escondan en lo más apartado de su casa o de los montes aquellos que perseveran en estas creencias, sino que sigan el ejemplo de los obispos y no acudan a las haciendas ajenas, para celebrar reuniones*».

Texto e tradução de VIVES, JOSÉ, *Concilios Visigóticos e Hispano-Romanos*, Madrid, 1963, p. 16.

3. Juntamente com os cânones do concílio de Zaragoza, cf. Nota 2, ver Sulpicius Severus, *Chronicle, Book II*, 46-51, e *Dialogues*, II (III), 11-13, ambos reproduzidos in *CSEL*, vol. I, Vindobonae, 1866, pp. 98-105 e 208-211.

1. CHADWICK, HENRY, 1976. *Priscillian of Avila*, Oxford, p. 12.

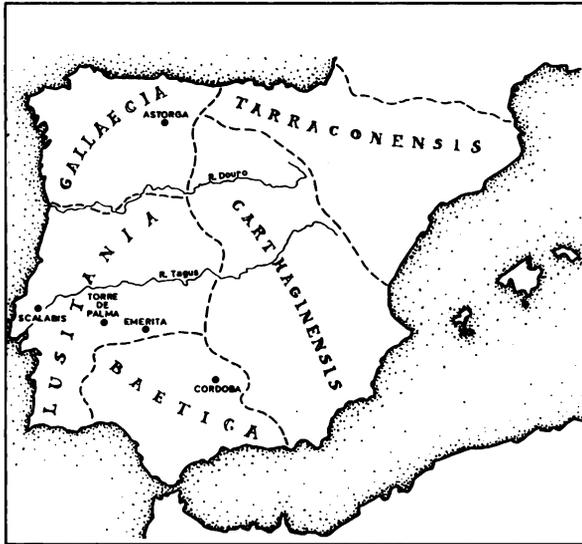


Figura 1.

que foram convidados a participar nos retiros. Durante os anos de 380 a 385 Prisciliano juntou à sua volta um grande número de seguidores dedicados. Os documentos que chegaram até nós, não nos informam do número exacto de priscilianistas, mas julgando pela complicada organização que se desenvolveu, pensamos que os números não serão poucos.⁴ Prisciliano deve ter definido varios grupos um de leigos (nobres e plebeus); outro para mulheres, e ainda outro para bispos que era subdividido em galegos e lusitanos.⁵ Ao mesmo tempo parece ter havido alguma distinção entre membros leigos e professores itinerantes daqueles que não o eram. Parece, também, que esta distinção não era arbitrária, e que acima de tudo reflectia tolerância, e definia também os diferentes níveis de ascetismo. Esses diferentes níveis, eram para os que não estavam preparados para uma entrega espiritual total a um regime bastante rigoroso.⁶ Este grupo, incluiria casais e cristaõs que provavelmente não estariam preparados para abandonarem todos os seus bens materiais (riqueza, casa, família) e mesmo hábitos alimentares. A estes individuos que, de uma maneira ou outra, eram seguidores devem-se juntar aqueles que eram convidados e que contactavam com o programa de conversão por vezes de uma maneira breve, ou mais profunda. O total de pessoas aqui representado deve ter rapidamente

chegado aos milhares. O espaço necessário para o grupo mais chegado a Prisciliano e, para as várias pessoas que apareciam temporariamente para fazer retiros, deve ter exigido uma grande cadeia de «pousadas», o que nos leva a sugerir, que provavelmente algumas destas villas usadas para retiros terão já sido descobertas e investigadas actualmente, sem que houvesse a suspeita da presença do priscilianismo.

Onde estavam as villas que serviam para os retiros? Mais uma vez não existe documentação. No entanto, acreditamos que a região da Lusitânia (região entre Douro e o Tejo) a Este da estrada principal de Astorga a Mérida, foi a área de maior expansão do movimento reformista no seu inicio.⁷ Sabe-se também que Prisciliano gozava de bastante apoio na Lusitânia, o que se deveu aos esforços de dois dos seus mais chegados apoiantes: Instantius e Salvianus, ambos bispos de sés provavelmente da Lusitânia, e ao facto de em 381 Prisciliano se ter tornado bispo de Àvila. O número de lusitanos dentro do movimento deve ter sido grande, e podemos dizer que além das villas existentes por certo na Galiza, muitas das villas localizavam-se na parte ocidental do que é hoje Espanha, e até mesmo dentro de Portugal.

Até hoje, não há conhecimento, de algum investigador ter identificado alguma villa rural com actividades priscilianistas. Uma razão óbvia para esta falta de identificação é a dificuldade existente em reconhecer qualquer vestígio arqueológico que apontasse para o priscilianismo. Na verdade, que tipo de evidência arqueológica se poderia encontrar hoje que sugerisse que esta ou aquela villa rústica pudesse ter tido uma fase priscilianista durante os últimos dias do império?

Devido ao trabalho que está a decorrer em Torre de Palma, no Alto Alentejo, surgiram várias ideias. Neste momento, não existem provas suficientes para afirmar que esta villa foi usada como um centro priscilianista. Mas a investigação feita levou os autores a pensar nessa possibilidade. É também possível que com o tempo, tal ideia seja abandonada, contudo a estação de Torre de Palma serve o propósito, ao ilustrar vários vestígios, os quais, quando encontrados noutras estações, deverão levantar suspeitas ao investigador e originar perguntas.

Em primeiro lugar, é clara a ocupação cristã. No caso de Torre de Palma, esta evidência assenta na presença de uma sofisticada basílica de três naves. Noutras estações, a igreja não necessita de

4. RODRÍGUEZ, CASIMIRO T., 1982. *La Galizia Romana*, Instituto de Estudios Galegos, La Coruna, pp. 293-4.

5. RAMOS Y LOSCERTALES, JOSÉ M., 1952. *Prisciliano - Gesta Rerum*, Salamanca, p. 23.

6. *Op. cit.*, pp. 37 ff. e pp. 108 ff.

7. *Op. cit.*, p. 27.

ser tão elaborada como em Torre de Palma, sendo suficiente estar incorporada no plano da villa. Vários espaços dentro da villa podiam ser usados para a litúrgia, por exemplo a «triclinia» ou qualquer outro espaço grande, principalmente se tiver ápsides.⁸ Uma data do final do século IV ou início de V para uma construção cristã ou para uma modificação de uma villa rural devem de imediato chamar a atenção. Torre de Palma tem a sorte de ter um grupo de moedas de um contexto seguro, que aponta fortemente para a data da construção da basilica. O facto desta data ser do final do século IV, pode significar que a igreja tenha sido construída durante o período de desenvolvimento do movimento, antes da «descoberta» por Hyginus, ou se tenha construído perto da altura em que o priscilianismo se encontrava no seu auge na Lusitânia (379-385). Quanto a outras villas, mesmo que estas não tenham um espaço ou edifício cristão, se se encontrarem sepulturas e estas forem identificadas como cristãs, então o investigador deve estar à alerta para a possibilidade da existência de uma comunidade cristã na estação.

Torre de Palma é uma área arqueológica bastante grande contendo partes ainda por escavar (Fig. 2). Contudo o que está exposto cobre uma área de cinco hectares, que inclui muitas estruturas compostas por mais de 300 quartos, excluindo o complexo da basilica. Existe uma grande área de trabalho e de criação de animais. Nalguns casos há estruturas que apesar de aparentemente serem estábulos podem ter servido para outros fins, se nós nos quisermos dar ao trabalho de os ver por um ângulo diferente, como por exemplo dormitórios –grupo de pequenas celas.⁹ (Fig. 2 - areas A e B). Seriam casas de escravos? Ou casas de homens livres? Existe um outro grupo de pequenas habitações de um ou dois quartos, o qual é o resultado de modificações feitas numa fase mais tardia.¹⁰

8. CASTRO, MARIA C. FERNANDEZ, 1981. Villa Romana y Basílica Cristiana en Hispania na *La Religion en Hispania*, 1979 *Symposio do Rodrigo Caro*, Instituto de Arqueologia de Madrid, pp. 383-389.

9. Ambas estruturas partilham vários vestígios: uma só entrada para um corredor, para o qual dão vários quartos pequenos e um maior que podia ter servido como refeitório ou área comum. A área A deve ter sido um edifício mais antigo, provavelmente muito antes do tempo de Prisciliano, reenfocando a ideia da sua utilização como estábulo. A área B, por outro lado, e uma adição à villa numa data posterior, mas que ainda não foi possível determinar.

10. A área C inclui três ou mais habitações de dois quartos, tendo cada uma delas uma lareira. Estas, foram construídas sob estrutura longa, que anteriormente tinha sido utilizada como estábulo, tendo a Norte a prensa de azeite. A área D é um conjunto de pequenas habitações, com lareiras, construídas em estruturas que provavelmente foram utilizadas como abrigos de animais ou como áreas de trabalho, na sua configuração original.

(fig. 2 - areas C e D). Estas modificações ainda não estão datadas, mas se especularmos que foram feitas no final do século IV ou no início do V, não seria difícil imaginá-las ocupadas por ascetas priscilianistas ou por visitantes em retiro de uma cidade, talvez Mérida. Qualquer indicação de modificações feitas numa villa rural da Lusitânia por volta do final do século IV –como por exemplo o aumento do número de modestas acomodações na estação– deve ser examinado como uma possível presença priscilianista, devendo levantar desconfianças por parte do investigador e tentar encontrar outros sinais.

Quais outros sinais? Talvez a indicação da lateralização de uma ou mais indústrias feitas pela «villa rústica» possam reflectir alguns dos valores ou da conduta dos priscilianistas. Se há indicação de criação de animais para consumo e depois esta cessa, então será que revela uma dieta vegetariana do movimento? É possível postular um desenvolvimento desta natureza em Torre de Palma. Uma área de tanques cujo chão é à prova de água, e que foi interpretada como os possíveis restos de uma adega, sofreu alterações e deixou de ser utilizada ainda durante a ocupação da villa (Fig. 2- area E). Prisciliano apelou aos cristãos que se afastassem de bebidas fortes. A evidência arqueológica da interrupção da produção de vinho na villa pode sugerir a abstinência e, ao mesmo tempo pode corroborar a ideia de priscilianismo. Este vestígio só por si é fraco, mas pode contribuir no conjunto.

Outro factor, ainda que não seria arqueológico, mas que um arqueólogo devia ponderar quando interpretar a sua estação, é a proximidade das principais estradas, no caso de ser possível determinar. Torre de Palma está, na realidade, ou numa estrada ou então está perto do que se designa alicerce –da principal arteria Este-Oeste dos romanos desde Mérida até Scalabis, perto da actual Santarém.¹¹ A proximidade das estradas é importante por duas razões: primeiro, o movimento reformista espalhou-se pelo caminho dos seus

11. Ver, por exemplo, COSTA VEIGA, AUGUSTO, B., 1941. A Via Romana de Lisboa-Alter-Mérida. *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. V, Lisboa, pp. 15-36.

Costa Veiga sugere que o «alicerce» se situava a vários quilómetros Norte de Torre de Palma.

Ver também SAA, MARIO, 1956. *As Grandes Vias da Lusitania – O Itinerário de Antonio Pio*, Vol. I, Lisboa, pp. 182-189.

Ele identifica Torre de Palma com «Matusaro» do segundo itinerário do chamado «Itinerário de Antonino», um documento anónimo e fragmentado do período romano. Saa não indica a razão da sua conclusão.

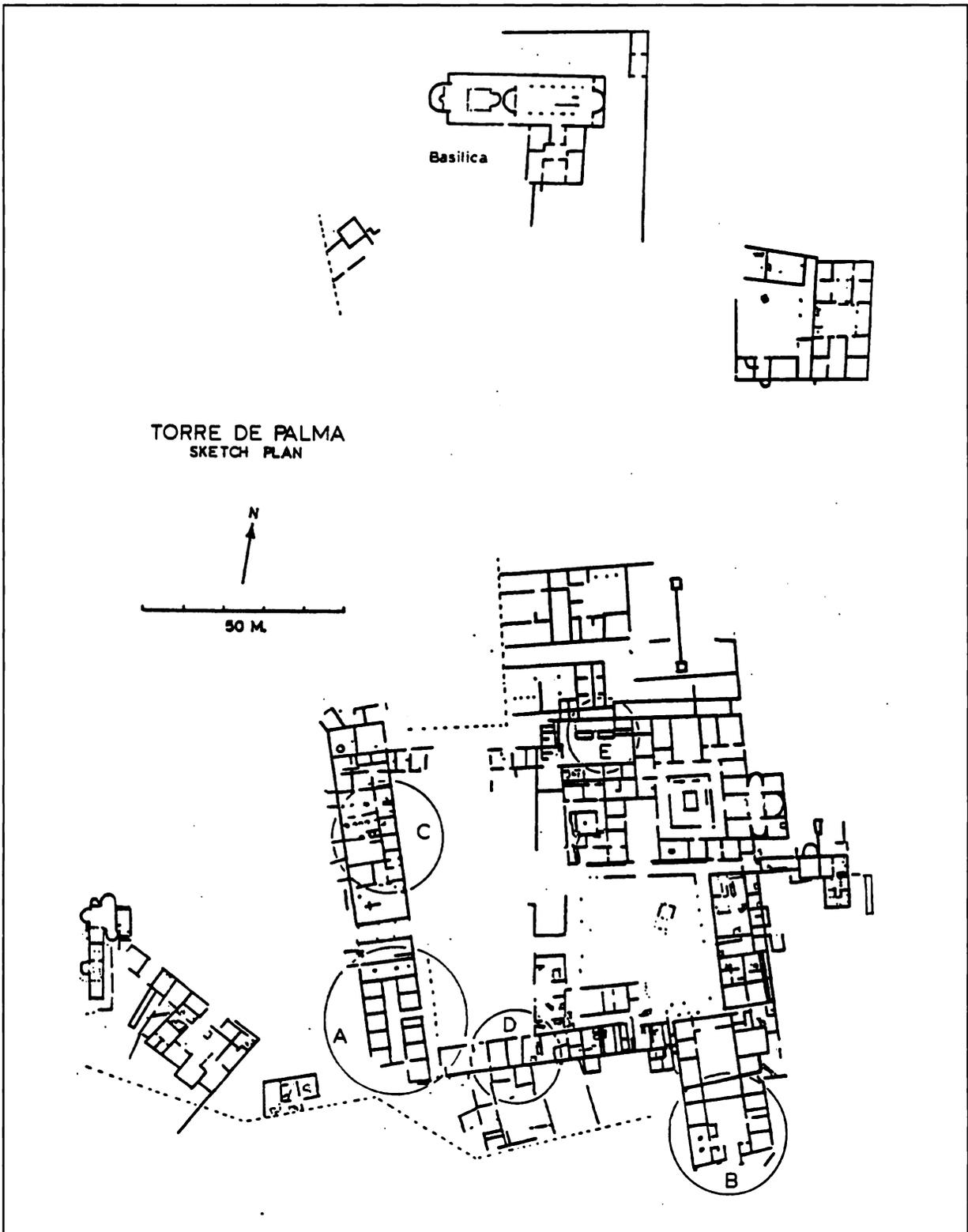


Figura 2.

missionários errantes, mas provavelmente de maior importância, os caminhos percorridos por aqueles que iam e vinham das cidades para os retiros; segundo, em termos de comodidade, veloci-

dade e segurança as estradas principais eram um factor importante.

Torre de Palma ilustra bastante bem o tipo de evidência que talvez já exista em relatórios de

escavações e em literatura, mas não foi ainda visto num contexto priscilianista. Vários factores em Torre de Palma chamam a nossa atenção para o priscilianismo, e força-nos a considerar a possibilidade de que a sua influência é detectável: um aparente surgimento da influência cristã, talvez mesmo um fervor cristão, à volta do final do século IV, levou à construção da igreja; uma proliferação ostensiva de habitações modestas, através da reutilização de estruturas já existentes, ou através da construção de novas; a possível evidência do fim de uma indústria que seria desfavorável ao movimento; e finalmente a localização geográfica dentro de limites aceitáveis da zona de presença e de influência de

Prisciliano, assim como uma situação privilegiada perto da principal estrada ligando a villa com uma grande área metropolitana, neste caso Mérida.

Espera-se que outros investigadores de villas rústicas possam reconhecer alguns destes factores nas estações que estão a estudar, e à medida que as forem examinando, espera-se mesmo, que outros factores ocorram a esses investigadores. Talvez se descubra que a palavra priscilianismo possa passar do vocabulário dos historiadores da igreja e dos teólogos, para o dos arqueólogos, vindo identificar uma fase entre os monumentos tardo-romanos da península.

PRISCILLIAN - NOTES TOWARD THE ARCHAEOLOGICAL CASE (English Abstract)

John Stewart Huffstot – Maria da Luz Huffstot

Surviving Church records alert us to the fact that followers of Priscillian and perhaps those who were targeted for «conversion» to Priscillianist principles withdrew from time to time to villas in the mountains and countryside for periods of instruction and retreat. Although none of these retreat villas have ever been positively identified, it may be that some have been investigated in modern times, with the Priscillianist phase going unsuspected.

The authors have recognized certain features at the villa of Torre de Palma (Monforte, Portugal) which suggest that a Priscillianist context could be considered. These features include:

1) *a Christian occupation* evidenced by the presence of an elaborate basilica having a late fourth-century construction date, as well as Christian burials;

2) *an apparent proliferation (?) of modest dwelling units* evidenced by modifications to earlier

structures and/or construction of dormitory (?) spaces –apparently in later phases of the villa's occupation;

3) *a suggestion of an alteration in the villa's industry* –in the case of Torre de Palma, the possibility that wine-making was curtailed or halted (a change which could reflect adherence to Priscillianist dietary regimen);

4) *proximity to a major road of the period* –in the case of Torre de Palma, the so-called «Alicerce», the road from Merida to Scalabis.

The authors are unprepared to claim that Torre de Palma was, for these reasons, used for Priscillianist activities, but it is hoped that other investigators will, perhaps, recognize these or other features which could point to Priscillianist occupation on sites for which they are responsible. Such an awareness among investigators may lead to a greater understanding of this important movement which is so little understood.

